

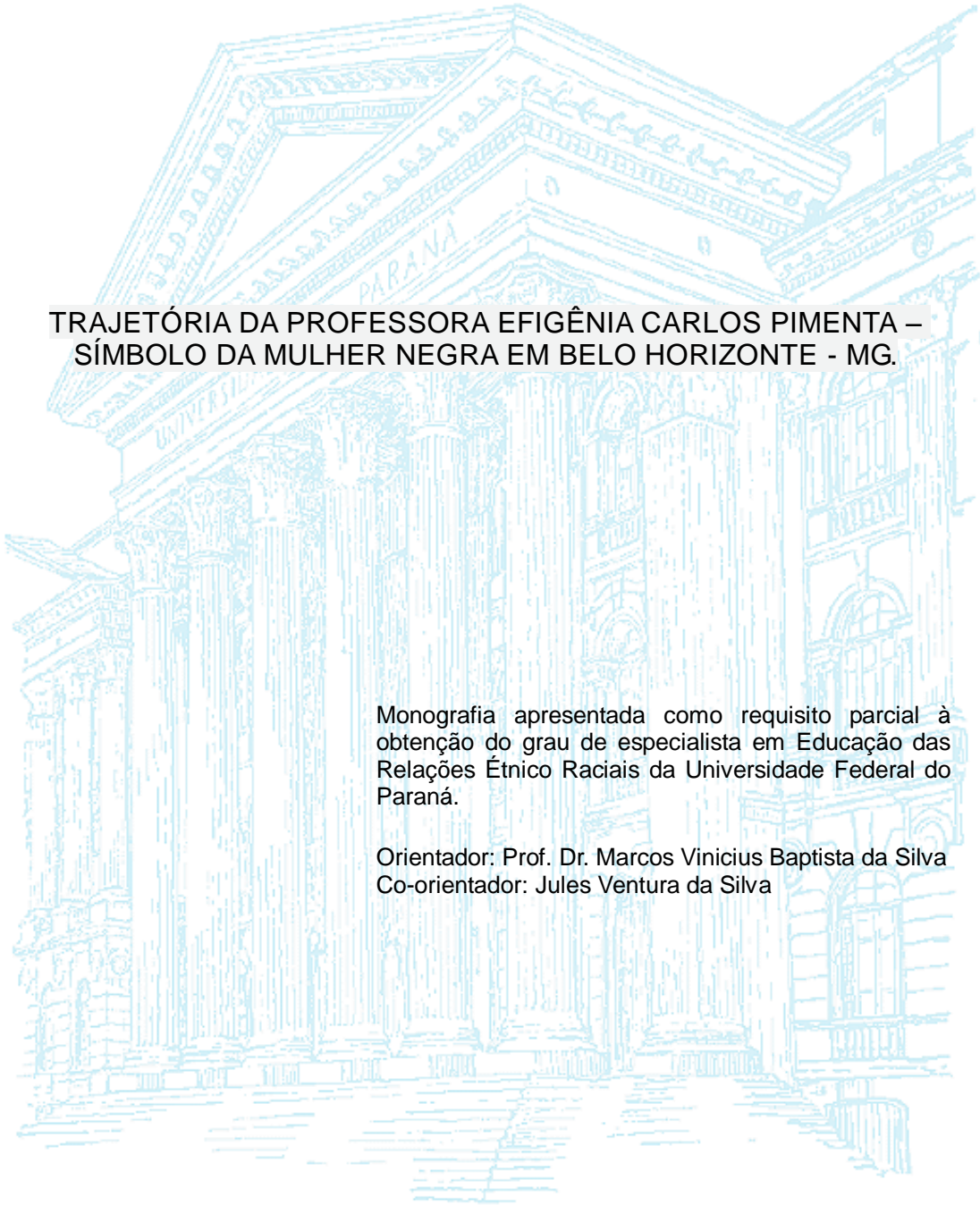
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

JANE MOREIRA DE CARVALHO

TRAJETÓRIA DA PROFESSORA EFIGÊNIA CARLOS PIMENTA –  
SÍMBOLO DA MULHER NEGRA EM BELO HORIZONTE - MG.

CURITIBA  
2015

JANE MOREIRA DE CARVALHO



TRAJETÓRIA DA PROFESSORA EFIGÊNIA CARLOS PIMENTA –  
SÍMBOLO DA MULHER NEGRA EM BELO HORIZONTE - MG.

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de especialista em Educação das Relações Étnico Raciais da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Vinicius Baptista da Silva  
Co-orientador: Jules Ventura da Silva

CURITIBA

2015

## DEDICATÓRIA

- A Deus autor e consumidor da nossa fé.
- Aos meus pais Vanderlei e Joana.
- Aos meus lindos filhos Augusto e Júnia, que me inspiram através dos questionamentos a buscar mais conhecimento.
- Aos meus lindos sobrinhos e lindas sobrinhas como inspiração para os estudos.
- A todos aqueles que de alguma forma contribuíram para o sucesso do trabalho.

## **AGRADECIMENTO**

- A Deus, razão do meu viver!
- Aos meus filhos Augusto e Júnia pelo carinho constante.
- Ao Aguinaldo pelo cuidado com os nossos filhos.
- Aos meus pais, irmãos e irmãs e cunhadas e cunhado sempre estendendo a mão para auxiliar no cuidado com as crianças durante a minha ausência.
- A família de Efigênia Carlos Pimenta, especialmente à filha Lúcia Pimenta, pela receptividade e retorno às nossas demandas, e ao filho José Antônio Carlos Pimenta pelas informações.

A educação é o grande motor do desenvolvimento pessoal.  
É através dela que a filha de um camponês se torna Médica, que o filho de um mineiro pode chegar a chefe da mina, que o filho de trabalhadores rurais pode chegar a presidência de uma grande nação.

Nelson Mandela

## RESUMO

O trabalho apresentado tem como objetivo descrever a trajetória de vida de Efigênia Carlos Pimenta e mostrar sua contribuição para construção da identidade étnico-racial em Minas Gerais. Nascida em Belo Horizonte, Efigênia ingressou no magistério aos 18 anos, em 1950, em escolas públicas de Belo Horizonte, Minas Gerais. Na época, não havia a lei n. 10.639-03, sendo um desafio para o professor trabalhar a igualdade racial no ambiente escolar para erradicação do racismo. Imperava a negação da contribuição do negro para a construção desse país, e todo legado de engenharia, matemática, ciência, cultura e culinária trazida pelo negro. Para a realização do trabalho foi feita uma entrevista/questionário com a Sra. Efigênia Carlos Pimenta, e pesquisa documental das atividades realizadas. O texto apresenta informações referentes à sociedade brasileira e ao preconceito racial no ambiente escolar. Foi possível conhecer parte da história de vida da professora Efigênia Pimenta, dar maior visibilidade ao trabalho realizado e à sua atuação enquanto mulher, professora, mãe e formadora de pessoas conscientes de sua importância na construção étnico racial de Belo Horizonte.

Palavras-chave: Professor. Educação étnico-racial. Minas Gerais. Racismo.

## **ABSTRACT**

The work presented aims to describe the Efigênia Carlos life path pepper and show their contribution to the construction of ethnic-racial identity in Minas Gerais. Born in Belo Horizonte, Ifigenia joined the teaching profession at age 18 in 1950, public schools in Belo Horizonte, Minas Gerais. At the time, there was the law n. 10639-03, and a challenge for the teacher working racial equality in the school environment to eradicate racism. Ruled the denial of the black contribution to the construction of this country, and the whole legacy of engineering, mathematics, science, culture and cuisine brought by black. To carry out the work was done an interview / questionnaire with Ms. Efigênia Carlos Pimenta and documentary research of activities. The text presents information regarding the Brazilian society and racial prejudice at school. It was possible to know part of the life story of the teacher Efigênia pepper, give greater visibility to the work and its performance as a woman, teacher, mother and trainer of people aware of their importance in racial ethnic construction of Belo Horizonte

Keywords: Professor. Ethnic-racial Education. Racism. Minas Gerais.

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>1. INTRODUÇÃO .....</b>   | <b>9</b>  |
| <b>2 TRAJETÓRIA DE VIDA .....</b>  | <b>12</b> |
| <b>3 SOCIEDADE BRASILEIRA E A REFERÊNCIA NEGRA NA IDADE<br/>ESCOLAR.....</b> | <b>13</b> |
| <b>4 O NEGRO NA CARREIRA DOCENTE BRASILEIRA.....</b>                         | <b>17</b> |
| <b>5. PRECONCEITO RACIAL NO AMBIENTE ESCOLAR.....</b>                        | <b>19</b> |
| <b>6 A INFLUÊNCIA DO PAI DE EFIGÊNIA CARLOS PIMENTA .....</b>                | <b>20</b> |
| <b>7 EFIGÊNIA CARLOS PIMENTA E A EDUCAÇÃO.....</b>                           | <b>23</b> |
| <b>8-ATUAÇÃO GERACIONAL.....</b>   | <b>31</b> |
| <b>9 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>   | <b>33</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>  | <b>35</b> |
| <b>ANEXOS.....</b>   | <b>37</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

A necessidade da pesquisa se deu desde 2013 quando iniciei um trabalho na Secretaria de Educação de Ribeirão das Neves, Minas Gerais. No ano de 2010 a secretaria nomeou o Núcleo da Diversidade Étnico-racial de Efigênia Carlos Pimenta. Alguns questionamentos, então, surgiram: Quem era essa mulher? Que tipos de experiências e relações pessoais, profissionais e formativas contribuem para a constituição profissional da educação? Qual a importância da mesma para construção da identidade étnico-racial no município ou em Minas Gerais? Qual sua trajetória de vida?

Uma vez que o núcleo não tinha respostas aos questionamentos apresentados por mim, iniciei uma pesquisa na internet. A busca pela internet também não trouxe respostas, constava de uma entrevista concedida por ela a um periódico em 1988, de um vídeo com fotos em homenagem aos seus 80 anos e de dois prêmios recebidos em agosto de 2013. Neste mesmo ano Efigênia Pimenta recebeu o Prêmio Zumbi de Cultura<sup>1</sup>, homenageada pelo Tucanafro-MG<sup>2</sup> pelos 50 anos dedicados ao movimento negro.

Embora Efigênia Carlos Pimenta tenha sido professora por mais de 30 anos e militante do Movimento Negro durante anos, poucos registros foram feitos e/ou divulgados ao longo de sua vida.

A minha atuação como professora e participante de diversas atividades para a inserção dos negros na educação, mercado de trabalho e/ou sociedade, despertou-me o interesse em dar visibilidade à trajetória de vida de Efigênia Castro Pimenta. A visibilidade a ser dada, é no intuito de termos referenciais de intelectuais, mulheres, professoras e mãe no contexto de Belo Horizonte, “gente da gente” que participou da luta para a promoção da igualdade racial no estado de Minas Gerais.

---

<sup>1</sup> Prêmio Zumbi de Cultura a homenageia as 10 personalidades de destaque nos campos das artes, da política e da cultura negra em Minas Gerais e no Brasil. As categorias são dança, teatro, música (canto, samba, percussão, *hip hop*), religiosidade, esporte, capoeira, arte-educação, cultura popular, movimento *black*, valorização da beleza negra e ação social e política. O prêmio foi idealizado em 2010 por Júnia Bertolino e na primeira edição homenageou o cantor Milton Nascimento, o senador Paulo Paim e Dona Bela, integrante do Congado mineiro. Em 2011, serão homenageados a professora e militante do Movimento Negro, Efigênia Pimenta, e ao cantor, compositor e sambista José Luís Lourenço, o Mestre Conga.

<sup>2</sup> Tucanafro-MG é o núcleo da militância negra do PSDB (Partido da Social Democracia do Brasil).

Assim para realização deste trabalho utilizou-se a entrevista/pesquisa exploratória, visto que o intuito era proporcionar maior familiaridade com o entrevistado, envolvendo levantamentos bibliográficos e entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com a personagem pesquisada, uma vez que o tema foi ou é pouco explorado. De acordo com Quivy (2003, p. 69) a pesquisa exploratória tem como objetivo “revelar determinados aspectos do fenômeno estudado em que o investigador não teria espontaneamente pensado por si mesmo e, assim, complementar as pistas de trabalho”. A investigação teve como objetivo uma sondagem, coleta de dados, que foram confirmadas por análise de documentos e outros materiais impressos e visuais.

A pesquisa foi realizada a partir de uma entrevista com a senhora Efigênia Carlos Pimenta, em sua residência, no município de Belo Horizonte, Minas Gerais. O município de Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais, possui 110 anos, sendo uma das cidades mais populosas do estado. Segundo estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em julho de 2014, sua população estimada era de 1.433.000 (Senso 2010) habitantes. Detém o 1º Produto Interno Bruto (PIB) do estado e 5º do país, dados de 2011. A principal atividade econômica do município é a indústria automobilística de autopeças, siderurgia, eletrônica e construção civil.

A técnica utilizada foi de entrevista estruturada com perguntas exclusivamente abertas e abertura para a fala livre dos entrevistados. Todas as entrevistas foram concedidas mediante a assinatura de termo de consentimento esclarecido, de forma que foi assegurado a todo o entrevistado o sigilo da sua identidade, os nomes aqui citados, são de pessoas que concordam em terem os nomes expostos.

As entrevistas foram direcionadas à Efigênia Carlos Pimenta, a pessoa tema do nosso trabalho, aos filhos José Antônio Carlos Pimenta e Lúcia Carlos Batista, ao senhor Juvenal Araújo Júnior, coordenador do Tucanafro-MG, e pessoas que conviveram com Efigênia enquanto colegas de profissão, vizinhos e participantes de suas reuniões de conscientização.

Sob a autorização da professora Efigênia Pimenta, e sua filha Lúcia, a entrevista foi gravada e, posteriormente, transcrita. A transcrição consta no Anexo I do trabalho. Logo após a transcrição, cada gravação foi ouvida novamente, sendo acompanhada com a transcrição, para conferir se houve

alguma falha de digitação ou mesmo de entendimento das palavras do sujeito. A construção do texto foi a partir das entrevistas realizadas e os materiais impressos encontrados.

A partir dos dados coletados busca-se descrever a trajetória de vida de Efigênia Carlos Pimenta e mostrar sua contribuição para construção da identidade étnico-racial em Minas Gerais.

## 2 TRAJETÓRIA DE VIDA

O termo “trajetória de vida” tem sido utilizado para a pesquisa sobre a vida de pessoas, em um ambiente sociocultural e em ações individuais. De acordo com Cláudia Born, o termo passou a ser utilizado por Thomas e Znaniecki (1918), tendo uma abordagem ampla da vida social do pesquisado. Este conceito tem sido utilizado no espaço acadêmico no Brasil.

Para este trabalho, a definição de trajetória de vida utilizada será a de Mayer e Muller (1986), que diz ser esta um conjunto de eventos que fundamentam a vida de uma pessoa. A trajetória está associada ao percurso, desde seu nascimento, que é o momento da coleta de dados dessa pessoa, registro, certidão de nascimento, carteira de identidade, até o seu falecimento, . As situações ocorridas ao longo da vida, a duração, épocas das mesmas e localização dos fatos são partes que integram à trajetória de vida de uma pessoa.

A trajetória de vida faz parte do contexto social no qual o indivíduo está inserido. A idade escolar, local de moradia, ambientes a serem frequentados, curso a ser feito, profissão a seguir, quando se casar, quando ter filhos, conduta de relacionamentos, dentre diversos fatores sociais que permeiam a conduta e a trajetória do ser humano.

As diferenças culturais e sociais possibilitarão a diversidade de trajetórias de acordo com a cultura às quais as pessoas estão inseridas, como também delimitarão seus percursos dentro daquela cultura. Em cada cultura há regras de condutas estabelecidas e definidas, e até mesmo leis, que determinam quando uma criança deve ser inserida no contexto escolar, quando a pessoa poderá iniciar os trabalhos remunerados, o que faz parte do modelo de sociedade ao redor do mundo.

A trajetória de vida é construída nestes entremeios, e há indivíduos que a constroem se destacando dos outros, galgando espaços únicos, fazendo diferença naquele espaço e momento. Há fatores que farão com que alguns indivíduos avancem mais que outros, cada indivíduo tem também sua capacidade de resiliência no meio ao qual está inserido.

### **3 SOCIEDADE BRASILEIRA E A REFERÊNCIA NEGRA NA IDADE ESCOLAR**

Para a escolha do tema e metodologia de pesquisa, a minha atuação como professora e vivências foram determinantes, como busca de trajetórias que balizavam a atuação da mulher negra na educação.

Atuo como professora de Língua Portuguesa em escolas públicas desde o ano de 2003. Lecionei no Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano, na Educação de Jovens e Adultos, e no Ensino Médio. Durante esses anos de atividades em escolas públicas foi possível vivenciar atitudes de preconceito racial entre alunos e de alunos contra professores.

Ao ler o livro “A mulher negra que vi de perto”, da ministra da Igualdade Racial, Nilma Lino Gomes, ter cursado o Educafro IV na UFMG, e ter assistido às aulas presenciais do Curso Educação das Relações Étnico-raciais na UFPR, pude me inteirar da importância das trajetórias de vida de diversas pessoas ainda anônimas, mas que deixaram ou ainda produzem legados para a promoção da Igualdade racial.

Há 12 anos leciono em escolas públicas dos municípios de Belo Horizonte, Contagem, Ribeirão das Neves e Sabará, espaços onde ainda vivenciamos o preconceito racial mesmo sendo professora. O preconceito contra o educador é real, no entanto, não há uma intervenção por parte de escolas, os profissionais ficam à mercê de si mesmos. E como educadora já vivenciei situações de alunos não concordarem em ter uma professora negra (refiro-me a mim), fato que pesquisei na trajetória de Efigênia Pimenta, que também vivenciou situações similares.

Assim a realização da pesquisa traz uma reflexão para o cotidiano vivenciado e situações narradas por Efigênia Pimenta. Tenho um filho de 10 anos de idade e desde seus dois anos de idade tem ocorrido algumas situações que se referem à sua raça/cor. Aos dois anos quando ficava em um hotelzinho três vezes por semana, chegou em casa um certo dia, pegou seu carrinho de polícia, “preto”, e o quebrou com um batedor de bife de cozinha. Ao ser questionado do porquê ter quebrado seu carrinho, disse que a professora havia dito na escola que preto é feio, não poderia colorir de preto. Então a

atitude imediata dele ao chegar em casa foi destruir o que havia sido tachado de “feio”.

Com aproximadamente três anos começou a perceber a textura do cabelo dele com o meu, que até então era alisado e escovado. Ele pegava no meu cabelo e no dele e dizia, mãe por que o seu cabelo é diferente do meu e do meu pai? A explicação de que o meu cabelo era relaxado, alisado, não o convencia, a diferença o intrigava. Passei a trançar o cabelo e não mais a relaxar, ele foi entendendo que houve uma mudança e que o meu cabelo já estava mais parecido com o dele.

Com uns quatro anos questionou a mim e ao pai o porquê de as pessoas não acharem as pessoas negras bonitas e que ser negro não era bom! Diante dos fatos ocorridos, foi necessário pensar na formação de uma criança negra enquanto sujeito de direitos e deveres, na busca por uma autoestima valorizada e equilibrada.

Para se pensar na formação dele enquanto criança negra, pesquisei super herói negro e artista mirins brasileiros e internacionais para que ele pudesse se ver, se identificar através da televisão. Heróis encontrados: Super choque, foi uma série de desenho animado norte-americano, produzida pela Warner Bross; Cyborg, colocado na Liga da Justiça, meio homem e meio máquina, robô; Lanterna Verde, super-herói também é negro dos desenhos animados.

Houve a aquisição de bonecos de super-heróis negros, decoração do quarto com quadro de meninos negros e bonecos de pano preto. Todo o espaço do quarto foi redecorado, dentro de uma perspectiva étnico-racial. Ele passou a fazer parte de um grupo de capoeira, o dentista passou a ser um dentista negro, o professor de violão também, e passamos a conversar mais em casa sobre a temática étnico-racial. Os relatos do dia a dia enquanto aluno, enquanto participante de festas de aniversários e enquanto colegas de rua eram compartilhados em casa e as sutilezas do racismo velado, explicitadas. Para cada espaço de convivência há um desafio a ser vencido. As orientações são dadas à medida em que ocorre alguma situação, quando há algum caso de preconceito racial com alguém próximo, fazemos o relato em casa e/ou de forma preventiva. Comentamos de situações de preconceito racial arraigadas

no cotidiano do brasileiro, como seguranças que perseguem meninos e meninas negras em supermercados.

Uma outra estratégia é a leitura de livros literários com a temática racial, como o livro “Madiba – o menino africano”, de Rogério Andrade Barbosa, que retrata a biografia de Nelson Mandela em uma linguagem apropriada para crianças. Foram lidos também os livros de “Chico Rei”, “Rita Cebola” e “Chica da Silva”, da autora mineira Débora Barbosa, que leciona em escolas infantis de Belo Horizonte.

Incutir valores em uma criança negra é um desafio muito grande, diante de uma mídia europeia e uma sociedade extremamente preconceituosa como a que encontramos no Brasil. Não se encontra referências negras nos brinquedos, publicidades, materiais didáticos e ou desenhos animados. A ausência de pares, ou pessoas que as representam, dão às crianças negras uma informação de que as mesmas não são bonitas, inteligentes e ou aptas a estarem naquele lugar

Efigênia Pimenta sugere que as mães de crianças negras as apoiem desde a mais tenra idade. As crianças devem ser incentivadas a estudar, a terem bons resultados, as mães devem acompanhar ao máximo todo o processo escolar dos filhos, para que os mesmos avancem nos estudos. Para Efigênia o empenho familiar é primordial e fará toda a diferença quando esse menino ou menina for adulto. A formação para o combate ao preconceito e a discriminação racial sofrida no ambiente escolar e/ou qualquer ambiente social deve ser construída a partir das famílias.

O processo da formação da identidade racial da criança negra é contínuo, deve-se iniciar no berço, desde a confecção do enxoval para o bebê. As mães negras já vivenciam a exclusão da criança negra ao adquirirem acessórios para o quarto de bebê, quando não se encontra nenhum item que faça alusão à criança negra. Quadros, porta cotonetes, porta fraldas, toalhinhas, toalhas de banho, mantas, fraldas, bonecas de pano, em nenhum desses itens a caracterização da criança negra é visível. Sempre é necessário que se faça a encomenda, pois os fabricantes não possuem para pronta entrega, alegando que não há público consumidor.

Quando as crianças negras iniciam o processo de escolarização também não se encontram material didático, pedagógico e acessórios escolares que as

contemplem. As capas de livros, cadernos, mochilas não contêm rostos negros, desenhos animados com personalidades negras. Os pais que querem que seus filhos portem algo próximo às suas realidades, terão de mandar fazer algum acessório que os identifiquem.

As pinturas nos ambientes escolar também não contemplam a diversidade étnico-racial. O que encontramos em escolas infantis enquanto pinturas são personagens Disney, Turma da Mônica e desenhos dos clássicos infantis, ou seja, príncipes, princesas, Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve e os 7 anões, toda uma cultura europeia, que em nada condiz com a diversidade étnico-racial brasileira.

E essa falta de referência não fica somente nesses aspectos materiais, temos também a falta de referência do professor.

#### 4 O NEGRO NA CARREIRA DOCENTE BRASILEIRA

Com o objetivo de analisar a trajetória de vida de Efigênia Carlos Pimenta, nascida em 1933, e que ingressou na carreira de magistério com 17 anos de idade, na década de 1950, citaremos dados referentes ao magistério nacional. Cabe destacar, que alguns dados aqui apresentados fazem parte do depoimento da professora Efigênia Pimenta.

A carreira docente no Brasil existe desde o século XVIII, no entanto a inserção da mulher na docência no país inicia-se no século XIX, nas poucas escolas particulares. A carreira docente para a mulher residente nas capitais era uma ascensão social, um status. De acordo com Efigênia Pimenta “a família preparava a filha para ser normalista, a profissão era muito conceituada, uma moça de família tornava-se professora”.

Nesta década a maioria das professoras eram brancas, a inserção da mulher negra como professora era mínima, considerada uma exceção.

De acordo com o censo escolar de 2000, dados comprovam que a carreira do magistério, no que se refere raça/cor, é predominantemente feminina (81,2%) e branca (64,2%) - informações referentes ao país e a todas as regiões da federação.

A tabela a seguir traz dados de 2010, portanto, dez anos depois do censo de 2000 temos o percentual de Minas Gerais com uma parcela de professores segundo o critério raça/cor: preta/negra de 15% e branca, 43%. A percentual da população negra/parda no estado de Minas Gerais é de 53,5%, sendo a de brancos 45,41% e 1,1 % de indígenas e amarelos.

| Raça / Cor  | GERAL | ES  | GO  | <b>MG</b>  | PA  | PR  | RN  | SC  |
|-------------|-------|-----|-----|------------|-----|-----|-----|-----|
| Branca      | 50%   | 46% | 39% | <b>43%</b> | 18% | 82% | 36% | 85% |
| Parda       | 35%   | 36% | 43% | <b>40%</b> | 61% | 11% | 47% | 6%  |
| Indígena    | 1%    | 1%  | 1%  | <b>1%</b>  | 1%  | 1%  | 1%  | 1%  |
| Preta/Negra | 12%   | 16% | 13% | <b>15%</b> | 17% | 5%  | 12% | 7%  |
| Amarela     | 2%    | 1%  | 4%  | <b>2%</b>  | 2%  | 1%  | 3%  | 2%  |

Fonte: GESTRADO/UFMG, 2010.

A Pesquisa Cor e Magistério organizada por Yolanda de Oliveira, traz dados que permite comprovar que a ocupação do magistério por negros/pretos ainda é muito menor que dos brancos e que quanto mais elevado o grau educacional menor a inserção de professores negros. No Ensino Fundamental o percentual de mulheres negras atuando é de 70,2% para 53,5% das mulheres brancas. No Ensino Médio a proporção de professores negros é 22% e no Ensino Superior de 6%. A maior concentração de professoras negras é na Educação Infantil e Ensino Fundamental.

Desde a década de 30 até a década de 50, quando Efigênia Pimenta ingressou no magistério, a profissão era considerada de prestígio e respeitável. As mulheres de classe média começaram a galgar o emprego fora de casa, no entanto a mulher “de família” não poderia assumir qualquer profissão e o magistério tinha uma referência positiva e respeitosa para uma mulher.

Até a década de 30, o magistério era a única profissão feminina respeitável e a única forma, institucionalizada de emprego para a mulher de classe média. Mais tarde foram abertas as primeiras oportunidades de trabalho em escritório, a princípio nas repartições públicas e em seguida em firmas particulares (GOUVEIA, 1970).

A ascensão da mulher ao magistério está diretamente ligado também aos interesses socioculturais de que a mulher é dotada biologicamente de um instinto materno para educar, socializar e cuidar de crianças, crenças tanto do senso comum como de alguns pensadores. O espaço e a dinâmica da sala de aula era visto como mais adequado ao sexo feminino (JUNGES, 2005).

Outro importante acontecimento para a inserção da mulher no magistério foi a ampliação de vagas na educação, necessidade de profissionais, e os padrões sociais, morais e conservadores de que as meninas deveriam ser educadas por mulheres, principalmente nas séries iniciais.

Mediante isso, ser uma professora formada no curso de magistério em 1950 era consideravelmente um posto de muita importância para uma mulher jovem. Ressaltamos, que neste período o magistério era majoritariamente composto de professoras brancas, as mulheres negras eram exceção, sendo a nossa pesquisada uma exceção daquele momento.

## 5 PRECONCEITO RACIAL NO AMBIENTE ESCOLAR

A pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, (MALTA, 2010), informa que mais de 60% dos alunos afirmam estarem envolvidos na vitimização entre pares, como agressores ou vítimas. Estes dados comprovam as diversas situações de violência no ambiente escolar. A não intervenção da escola contribuiu para a perpetuação dos conflitos raciais.

Os dados acima apresentados são específicos, direcionados aos alunos; quanto ao preconceito racial contra o professor, não encontrei pesquisas que quantificassem ou mesmo explicitassem fatos ocorridos. No entanto, o racismo se faz presente em todos os segmentos sociais de acordo com a definição abaixo:

Por razões lógicas e ideológicas o racismo é geralmente abordado a partir da raça, dentro da extrema variedade das possíveis relações existentes entre as duas noções. Com efeito, com base nas relações entre “raça” e “racismo”, o racismo seria teoricamente uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns, sendo estas últimas suportes das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais. Visto deste ponto de vista, o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o cultural. O racista cria a raça no sentido sociológico, ou seja, a raça no imaginário do racista não é exclusivamente um grupo definido pelos traços físicos. A raça na cabeça dele é um grupo social com traços culturais, linguísticos, religiosos, etc. que ele considera naturalmente inferiores ao grupo ao qual ele pertence. De outro modo, o racismo é essa tendência que consiste que as características intelectuais e morais de um dado grupo, são consequências diretas, de suas características físicas ou biológicas. (MUNANGA, 1998).

O centro de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) revelou que todas as pessoas envolvidas com a escola, desde os pais até os docentes, praticam algum tipo de discriminação. 99,3% dos alunos, pais e funcionários têm algum tipo de preconceito étnico-racial, socioeconômico, com relação a portadores de necessidades especiais, gênero, geração, orientação sexual ou territorial. O grupo mais atingido pela discriminação foi o de portadores de necessidades especiais. Em seguida estão os negros.

## 6 A INFLUÊNCIA DO PAI DE EFIGÊNIA CARLOS PIMENTA

Efigênia Carlos Pimenta, nasceu na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, no dia 04 de Abril de 1932. Filha de Antônio Carlos Pimenta e de Vitalina Carlos dos Santos, seus pais moravam em São Paulo e posteriormente se mudaram para Belo Horizonte.

O senhor Antônio Carlos Pimenta era militar e foi o primeiro negro a alcançar a patente de Coronel da Polícia Militar de Minas Gerais, sua mãe a senhora Vitalina cuidava dos afazeres domésticos e lavava roupa para fora. Para Efigênia a postura da mãe também contribuiu muito na formação dos filhos, todos tinham que estudar em casa, ter boas maneiras à mesa, a etiqueta, a gentileza, não mastigar com a boca aberta, consertar o corpo, sentar direito, não deitar em cima do prato. “Aquelas coisa que mãe ensina!”. “Faz diferença !”.

Efigênia Pimenta era a filha mais velha do casal que também eram pais de Benedito Carlos Pimenta, Aparecida Carlos Pimenta e Fernando Carlos Pimenta.

Antes de Efigênia nascer, seu pai já tinha dado início à compra de livros referentes às questões raciais. Quando nasceu, já existia em sua casa uma biblioteca de livros afro-brasileiros. Seus pais eram bem conscientes de que há uma desigualdade racial no Brasil. Efigênia relata que de acordo com seus pais, o negro sofre desde que pisou o pé neste país pela primeira vez. O objetivo de vida do pai de Efigênia Pimenta era o de lutar e se posicionar em favor do negro e do oprimido socialmente. O senhor Antônio Carlos Pimenta já era um veterano nas questões raciais por ter participado de um movimento denominado “Frente Negra Brasileira<sup>3</sup>”, em São Paulo capital, o qual tinha ações contundentes na promoção da igualdade racial.

O acervo não resumia à literatura nacional, que era bem restrita, eram adquiridos livros americanos com relatos das conquistas dos negros

---

<sup>3</sup> Frente Negra Brasileira foi um movimento social que ajudou muito nas lutas pelas posições do negro em São Paulo. Existiam diversas entidades negras. Todas essas entidades cuidavam da parte recreativa e social, mas a Frente veio com um programa de luta para conquistar posições para o negro em todos os setores da vida brasileira. A Frente Negra funcionava perfeitamente. Lá havia o departamento esportivo, o musical, o feminino, o educacional, o de instrução moral e cívica. Todos os departamentos tinham a sua diretoria, e o Grande Conselho supervisionava todos eles.

americanos, recortes de jornais, revistas, mapa da África. Constava no acervo materiais encontrados que possuíam informações das guerras no continente africano para a libertação dos países colonizados e conseqüentemente as tensões raciais também faziam parte das rodas de conversas. De acordo com Efigênia Pimenta, “tudo que dissesse que fosse de negro na minha casa tinha grande importância”.

Efigênia foi a herdeira de uma das maiores bibliotecas especializadas sobre o negro em Minas Gerais, tendo cedido na década de 80, em regime de comodato, para a Biblioteca Luiz de Bessa<sup>4</sup>. Atualmente todo o acervo foi doado e a biblioteca deixou de existir no bairro Nova Pampulha em Ribeirão das Neves.<sup>5</sup>

A biblioteca residencial do senhor Antônio Carlos Pimenta sempre foi aberta ao público, pessoas da comunidade se reuniam para ler, consultar o material. Escolas iam até a casa para fazerem pesquisas; e haviam reuniões de conscientização para parentes, vizinhos, amigos e pessoas em geral que se interessassem pela temática. O público não se limitava às pessoas de Belo Horizonte, vinham pessoas de outras cidades, e até de outros estados. As reuniões foram crescendo tanto em número de frequentadores quanto em propostas de atuação. Por ser militar, o senhor Antônio Carlos Pimenta não podia participar como palestrante de eventos, havia limitações quanto à exposição de sua pessoa enquanto Tenente Coronel da Polícia Militar de Minas Gerais. Sua estratégia de atuação foi a partir da biblioteca e posteriormente a criação da associação.

Em 1953 o senhor Antônio Carlos Pimenta fundou a Associação José do Patrocínio<sup>6</sup>, que tinha como objetivo desenvolver um trabalho na cultura de forma a inserir o negro no contexto social do país. Nesta época eles residiam

---

<sup>4</sup> Fundada em 1954, a Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa é a principal biblioteca pública de Belo Horizonte, e uma das principais do estado de Minas Gerais. É popularmente chamada de "Biblioteca da Praça da Liberdade", por estar do lado da praça.

<sup>5</sup> Ribeirão das Neves é um município brasileiro do estado de Minas Gerais, localizado na Região Metropolitana de Belo Horizonte, distante 23 km.

<sup>6</sup> José Carlos do Patrocínio foi um farmacêutico, jornalista, escritor, orador e ativista político brasileiro. Destacou-se como uma das figuras mais importantes dos movimentos Abolicionista e Republicano no país no século XIX.

no bairro Santa Efigênia, um dos bairros tradicionais de Belo Horizonte, próximo ao 1º Batalhão<sup>7</sup> da Polícia Militar de Minas Gerais.

A associação promoveu também cursos de corte e costura, bem como de atividades recreativas envolvendo passeios a monumentos, cidades históricas de Minas Gerais que participaram do ciclo do ouro, igrejas e à praia, bailes e desfiles de moda sobre a Cultura Negra, debates e outras ações, sempre com a proposta de discutir a realidade vivenciada pelo negro brasileiro.

A Associação José do Patrocínio chegou a ter 800 associados e funcionou durante aproximadamente 30 anos, entre 1951 a 1980. Efigênia Pimenta sempre teve o pai como um “intelectual nato”, tanto pelos momentos de conscientização dentro de casa, quando reunia os filhos e a esposa para falar de suas origens e pertencimento, quanto pelo trabalho como professor na Polícia Militar de Minas Gerais e a liderança intelectual da Associação José do Patrocínio.

Por ter militado na Frente Negra Brasileira, o senhor Antônio Carlos criou a associação no mesmo formato de São Paulo. Porém essas associações não eram exatamente educacionais, eram beneficentes, de assistência social, não garantindo uma educação de qualidade e formadora. Entre 1906 e 1940, foram registradas, no Estado de São Paulo, várias associações de assistência, porém a primeira que se tem registro de funcionamento como escola de formação de líderes surgiu em 1926, no Centro Cívico Palmares, que tinha como objetivo que o negro se tornasse elemento de força, de conjunto para unir os negros para uma luta de reivindicações junto aos governos, para que eles ouvissem nosso apelo. Então a Educação para os negros, no início do século XX, teria de funcionar como técnica social de influenciar comportamentos, a visão do grupo.

Assim, a professora Efigênia adquiriu uma bagagem para estudar na primeira classe, uma seleção feita nas escolas de acordo com o aprendizado do aluno, condição social e racial. Efigênia informa que todos os alunos negros sempre eram colocados na terceira, jamais eram inseridos na primeira e segunda classe de uma série. Ela acredita que o fato de sempre ser incluída na

---

<sup>7</sup> Há 122 anos o primeiro corpo militar estadual resiste ao tempo, guarda histórias de combates e impõe sua beleza na Praça Floriano Peixoto. Tem uma arquitetura eclética, como uma fortaleza. Seu prédio começou a ser construído em 1897, quando Belo Horizonte ainda era um arraial chamado Curral Del Rey.

primeira classe se deve ao fato da profissão do pai, supõe que a própria escola, ao tomar conhecimento de quem era filha no momento da matrícula.

## 7 EFIGÊNIA CARLOS PIMENTA E A EDUCAÇÃO

A formação educacional de Efigênia Carlos Pimenta sempre foi em escolas particulares. No Ensino Fundamental estudou no colégio Saint Clair de Mary, em Barbacena, um colégio de freiras. O Ensino Médio foi cursado no Colégio Imaculada Conceição de Barbacena, com ênfase em magistério, entre os anos de 1946 e 1949.

Aos 18 anos Efigênia passou em um concurso público para a carreira do magistério e assumiu o cargo em uma escola primária, Escola Estadual de Antônio Carlos em Barbacena. O concurso público é, em todo o país, a regra legal para o ingresso à carreira do magistério de provimento efetivo.

O curso de magistério à época habilitava as pessoas a lecionarem para as séries iniciais, antes denominada primário. Analisando os dados da pesquisa *Cor e Magistério*, de 2010, há a constatação de que os “docentes negros estão majoritariamente na Educação Infantil e nas séries iniciais de escolarização, e nem sempre se deve a um nível de escolaridade inferior.

Ao iniciar a atuação no magistério Efigênia Pimenta passou por diversas situações de preconceito racial. A classe que lhe foi oferecida para lecionar era denominada AN1, que era considerada a classe mais adiantada para as crianças do primeiro ano do primário. A professora informa que a classe foi esvaziando, os alunos eram mudados de sala, ela relata que os pais pediam a mudança alegando que os filhos não estavam gostando da professora. Na primeira classe de escola pública central sempre ficavam os filhos de médicos, advogados, professores e pais com uma condição social melhor. Efigênia Pimenta informa ainda que eram trazidos alunos de outra classe para a sua, mas até os meninos pobres não queriam ficar na sua classe.

Alguns poucos alunos, principalmente as meninas negras, pediam para ir para a classe de Efigênia, ela acredita que esses alunos a viam como referência de negritude e por ser a única professora negra.

Após uns dois meses de trabalho algumas crianças retornavam para sua sala, por ser a primeira classe e algumas mães percebiam a competência profissional da professora. Em nenhum momento há por parte da escola uma intervenção de conscientização nesse processo.

Ao se mudar para Belo Horizonte, Efigênia atuou na Escola das Pioneiras e na Escola Estadual Sara Kubistchek. Todo o seu período de trabalho remunerado foi em escolas públicas, como funcionária pública.

O preconceito racial tem perpetuado na sociedade e naquela época, década de 50, não era definido como “racismo institucional”, na educação há muita discriminação entre os pares, mas também contra os profissionais e pessoas atuantes em geral.

Segundo López (2012):

O racismo institucional, tal como o definem Silva et al. (2009), não se expressa em atos manifestos, explícitos ou declarados de discriminação (como poderiam ser as manifestações individuais e conscientes que marcam o racismo e a discriminação racial, tal qual reconhecidas e punidas pela Constituição Brasileira). Ao contrário, atua de forma difusa no funcionamento cotidiano de instituições e organizações, que operam de forma diferenciada na distribuição de serviços, benefícios e oportunidades aos diferentes segmentos da população do ponto de vista racial. Ele extrapola as relações interpessoais e instaura-se no cotidiano institucional, inclusive na implementação efetiva de políticas públicas, gerando, de forma ampla, desigualdades e iniquidades.

Efigênia afirma que quando começou a lecionar sentia que o preconceito era bem maior, tanto para alunos negros quanto para profissionais, e estes não poderiam representar a escola em eventos e festas. Os negros nunca eram escolhidos, e a justificativa por parte dos gestores era sempre a mesma, “não fica bem fulano representar a escola”, “não fica bem”. Para a professora foram falas repetidas em diversas ocasiões. As meninas negras nunca puderam participar da coroação de Maria, no mês de maio, quando havia esse ritual católico. Para Efigênia Pimenta até hoje o brasileiro pratica o racismo velado, que classifica como “surdamente”, não é exposto na sua “cara”, mas você é evitado nas festas, não é convidado a integrar as comissões decisórias da instituição e jamais pode representar a mesma, essas declarações são as provas contundentes da existência do racismo institucional. Para Lino (1995) o racismo institucional pode ser definido como as práticas, as leis e os costumes

que provocam desigualdades raciais em uma determinada sociedade e a educação é um dos setores de perpetuação do racismo institucional.

A perpetuação do racismo aqui era reforçada pelos pais, que preferiam mudar os filhos de sala à conscientizá-los; possivelmente as mães eram racistas e reforçavam este comportamento com os filhos; a gestão escolar quando não promovia a diversidade racial em seus eventos e na representatividade do povo brasileiro, enaltecia um padrão de beleza em detrimento de negar ou aniquilar os outros.

Para Efigênia Pimenta a formação em casa fez toda a diferença em sua conduta enquanto pessoa. Ela cita que conhecer sobre a vida do negro foi uma das coisas “que eu acho que eu consegui alavancar na vida, é assim a gente ter o autoconhecimento da gente mesmo, da história da gente, da história da família né, da gente”. As referências construídas no seio da família, a valorização de suas origens, conhecimento dos seus antepassados a partir do continente africano a fizeram sobressair às adversidades cotidianas. Efigênia afirma ter orgulho de sua etnia e que já nasceu militante dentro do Movimento Negro, sua casa foi sua base de formação.

*Eu acho que o rastro da minha família, é que me identifica, as datas comemoradas, como o 13 de maio, conhecer Zumbi, eu acho que tudo fora isso é fraco, válido é a aderência que eu tenho, com a minha raça, minha auto valorização, que partiu de casa, porque todo mundo tinha vergonha né (de ser negro), tinha uns movimento negro assim, um baile, umas coisas. Mas intelectualmente puxando não existia. Falando hoje, muito menino negro que estão ai batendo cabeça poderiam estar ai alavancando. Se tivessem referências e história que contasse a realidade deles, referências de pessoas negras que alcançaram o sucesso, doutores, professores ou qualquer profissão, que a pessoa tenha sido bem sucedido. (Efigênia Pimenta)*

Efigênia Carlos Pimenta foi uma professora que ensinou para além do conteúdo do magistério que era a formação do aluno enquanto cidadão. Os desafios encontrados à época era de uma escola de qualidade, humanizada e igualitária para todos. De acordo com a professora Efigênia Pimenta a escola era mais destinada às pessoas que possuíam uma condição social que podiam frequentar a escola. A minoria dos alunos eram de famílias que se esforçavam

para que os filhos pudessem estudar. Os alunos conviviam nos mesmos espaços e com acessos aos mesmos conteúdos, no entanto, a aquisição do material didático não era comum a todos. Os desafios ainda fazem parte do cotidiano dos professores de acordo com Arroyo:

A categoria tem colocado todos os seus esforços em melhorar as condições materiais e de trabalho nas escolas (...) para que cheguem a ser espaços mais humanos. O grave das condições materiais e de trabalho das escolas não é apenas que é difícil ensinar sem condições, sem materiais, sem salários, o grave é que nessas condições nos desumanizamos todos. Não apenas torna-se difícil ensinar e aprender os conteúdos, torna-se impossível ensinar-aprender a ser gente. (ARROYO, 2000, p.64)

Dentre tantas situações necessárias para se humanizar as pessoas no ambiente escolar, foi criada a Lei n. 10.639/03. Segundo Efigênia Pimenta, a lei contribuiu e contribuirá para a redução do racismo institucional, no entanto ela acredita que só a lei não é suficiente, é uma tomada de atitude e conscientização conjunta, recíproca, escola e sociedade. Todos trabalhando para a promoção da igualdade racial no ambiente escolar e na sociedade.

Efigênia afirma “que quando a criança negra entra para a escola, em sua primeira experiência extra lar, ela tem sua estrutura psicológica e emocional quebrada. A criança negra vem recebendo uma educação que não tem nada a ver com sua vida no dia a dia. Sua educação está completamente divorciada da realidade. Quando tiram do livro didático o herói negro, a cultura negra, o papel decisivo do negro na construção deste País, forma na criança negra uma reação: ela passa a sentir vergonha de suas origens e da sua condição de negro”. A professora afirma que a Lei n. 10.639-03 já produziu resultados quando a quantidade de imagens de pessoas negras representadas é bem maior que há 20 anos, no entanto não está equilibrado com o número de imagens de pessoas brancas e não possui as outras etnias como a indígena.

Para a criação dos seus quatro filhos, Sra. Efigênia sempre teve a preocupação de acompanhá-los na educação e se inteirar do convívio no espaço escolar. Fez um relato de um de seus filhos que estava no 2º ano do Ensino Fundamental e foi classificado para a classe C. Como mãe, ela conhecia o potencial de seu filho e que tinha competência para estar na classe

A. Foi à escola, certificou dos motivos da inserção de seu filho na classe C, e conseguiu que o mesmo fosse reclassificado para a classe A.

A presença dos pais na escola é de fundamental importância para o acompanhamento da vida escolar dos filhos. Efigênia Pimenta afirma que durante seu período como professora todos os alunos negros já eram classificados para a classe C em diante, a condição intelectual do negro não era avaliada. Essa prática é mais uma das práticas do racismo institucional, que não dá ao aluno negro, negra, a opção ou possibilidade de se inserir nas primeiras classes.

Efigênia Pimenta era palestrante em escolas, igrejas, casas, faculdades, sempre era convidada a falar sobre seu conhecimento referente ao povo negro. Nas épocas comemorativas às quais fazem referências à população negra no país, como o 13 de maio e o 20 de Novembro, sempre foi convidada a falar. Os espaços são diversificados, desde escolas pequenas, públicas ou particulares, até escolas maiores.

Efigênia Pimenta afirma que os negros possuem um potencial enorme para desenvolver nas diversas áreas intelectuais, educação, saúde, ciências, exatas, no entanto, tem seu potencial reprimido. Para ela é necessário libertar o negro “desta repressão sufocante”. Na sua visão o negro não é valorizado pela sociedade brasileira, mas possui potencial suficiente para reconstruir o país. Efigênia ressalta que na condição de escravizado o negro deixou “em todo lugar a marca de sua cultura e de sua capacidade de trabalho”.

Efigênia Pimenta acredita, ainda, que a sociedade começou um processo de mudança entre o povo negro desde 1940. Para ela, as organizações em casas, associações, famílias e outras, que foram criadas pelo país, são e foram determinantes para o comportamento da sociedade que estamos vivendo. Ao longo de sua carreira como professora e militante do movimento negro, ela evidencia que a participação da mulher é de fundamental importância na construção de uma identidade negra.

Para Efigênia Pimenta desde a década de 1990 os negros estão “perdendo o medo de serem eles mesmos”. Se reúnem mais, se identificam pelos gestos, olhares e corpos, que falam. O intuito de se identificarem e se unirem é de se fortalecerem, aumentando a garra e vontade de vencer. A eliminação do negro da história do país foi um dos assuntos que fez com que

Efigênia se levantasse contra os livros didáticos que mostravam um negro “boçal, sem capacidade de organização, indolente”.

Quanto ao papel da mulher negra na sociedade, para Efigênia, somos discriminadas por mulher, pobre e negra. Desde a década de 1980 Efigênia já demonstrava uma preocupação com a saúde da mulher negra, que poderia perder o emprego se engravidasse (até então não havia a lei que garantisse o emprego durante a gestação, nem a licença maternidade) e com o alto índice de abortos e mortes das mulheres negras.

Na mesma época ela demonstra sua indignação pela mulher negra não ser inserida nos processos de construção do planejamento familiar, denunciando o “processo velado de esterilização”, do qual a mulher negra poderia ser “cobaia”.

A professora Efigênia Pimenta ressalta que o posicionamento da mãe é fundamental para o sucesso dos filhos e deixa um conselho para as mesmas:

*Sabe o que eu observo é que hoje o negro tem que ficar esperto e não perder as oportunidades... Mãe que é mãe,... eu tinha até vontade de falar para as mães negras, mas depois vão falar que estou centralizando. A mãe tem que pegar o menino, estimulá-lo a gostar de ler, a gostar de estudar, assistir programas educativos e outras coisas mais, nem é o pai é a mãe que convive mais com o menino. Porque na hora que o menino tomar gosto ele vai embora, avança! (Efigênia Pimenta)*

Efigênia publicou um livro sobre a trajetória de vida de seu pai, Coronel Antônio Carlos Pimenta, primeiro negro a obter este título na Polícia Militar de Minas Gerais, precursor do movimento negro no Brasil nos anos 20.

Foi diretora da Associação José do Patrocínio, durante um período foi Coordenadora cultural da Associação José do Patrocínio, Conselheira do Conselho Estadual da Mulher de MG, Conselheira para organização da Fundação Palmares, organizadora do seminário o “Negro e a Constituinte”, Assessora da Secretaria da Cultura de Minas Gerais na Gestão do Embaixador José Aparecido.

Por sua atuação, sempre foi requisitada para dar palestra sobre a temática da educação e da questão do negro brasileiro. Também foi uma grande defensora dos direitos da mulher.

A professora Efigênia Carlos Pimenta participou como oradora da sessão solene do Centenário da Abolição da Escravatura no Brasil, em 1988, na Assembleia Legislativa de Minas Gerais. A comemoração foi solicitada pelos então deputados Nilmário Miranda (PT), Delfim Moreira (PFL) e Maria Elvira (PMDB). Efigênia Pimenta era representante do movimento negro à época e também conselheira da Comissão Nacional do Centenário da Abolição. Após a solenidade foi celebrada uma missa Conga com a participação de congadeiros das Comunidade dos Arturos de Contagem, Colônia Santa Izabel de Betim, Bairro Jatobá, cidade de Sete Lagoas.

Durante sua fala, enfatizou o mercado de trabalho para o negro, que ainda é deficiente, e que o negro não ocupa cargos que paguem mais do que um salário-mínimo, e quando o cargo é melhor ele recebe metade do salário real. Efigênia salientou que estava havendo uma mudança de mentalidade, mas é uma mudança tão pequena que quase não tem nenhum efeito. Enfatizou: “É preciso conscientizar a sociedade de modo geral. Mostrar que temos que participar de todas as decisões. Temos que estar em todos os lugares, em todos os partidos. O negro só tem sido usado. E, afinal de contas, quem construiu esta nação foi o negro e ele não participa dela”. Ao ser questionada por um repórter sobre a não presença de parlamentares negros, a professora é enfática: “há alguns parlamentares pardos. Temos que saber do negro se ele é assumido”.

Como conselheira da REDE SOS RACISMO, no município de Ribeirão das Neves, proferiu palestras nas seguintes escolas de ensino fundamental e médio: Escola Municipal José Pedro de Alcântara e na Escola Estadual José Bonifácio nas comemorações do dia 20 de novembro do ano de 2008, dia Nacional da Consciência Negra, com alunos e professores.

A professora Efigênia Pimenta ainda é atuante nos encontros para implantação e consolidação da Lei n. 10.639-/03 em Belo Horizonte. No mês de agosto de 2015, participou do 3º Encontro de municípios, Belo Horizonte, Contagem e Nova Lima, que se reuniram para debater a política de promoção da igualdade racial na educação e planejar ações conjuntas, visando o efetivo cumprimento das leis nº 10.639/03 e lei nº 11.645/08. As imagens do evento estão disponíveis no anexo 01. “A Roda de Conversa foi encerrada por Efigênia Pimenta, militante histórica do Movimento Negro, que falou do seu

envolvimento na luta contra o racismo e o preconceito desde a sua juventude. Demonstrou tamanha satisfação em estar no evento, emocionando a todos com suas palavras.

A professora Efigênia Pimenta é mãe de cinco filhos. Em seu ambiente familiar ensinou os filhos a se assumirem enquanto negros, a valorizarem suas origens e a “enfrentarem” o cotidiano preconceituoso da sociedade brasileira. Efigênia Carlos Pimenta relata que sempre foi presente na vida escolar de seus filhos, acompanhava a enturmação de seus filhos, e por vezes foi necessário intervir quando discordava da classe à qual seu filho ou filha havia sido direcionado. Segundo ela os alunos negros sempre eram direcionados às classes C, D e E, classificação da escola para alunos com menor índice de aprendizado. Os alunos com as maiores notas eram classificados para as turmas A e B. Quanto aos alunos negros, independente da nota, a enturmação seria a partir da Turma C.

O trabalho realizado pela mesma sempre foi no ambiente familiar e no nos locais onde trabalhou, deixando um legado de reconhecimento que atualmente tem sido reconhecido. Em reconhecimento, a professora Efigênia Pimenta foi homenageada em alguns eventos, como , em 2013, no 1º Simpósio Nacional da Militância Negra – O Negro Pensa o Brasil, realizado pelo Tucanafro, núcleo temático do PSDB, em que foi feita uma homenagem à Efigênia Pimenta pela sua atuação e por ser uma das precursoras do movimento negro em Minas Gerais. E em 2011, no II Prêmio Zumbi de Cultura – evento promovido em homenagem ao Dia Nacional da Consciência Negra, 20 de novembro, pela Cia Baobá – Apoiado pela Fundação Clóvis Salgado. A entrega aconteceu no Palácio das Artes, Belo Horizonte, MG.

## 8-ATUAÇÃO GERACIONAL

O enfrentamento ao preconceito racial na família de Efigênia Pimenta tem sido geracional, sendo transmitido de pais para filhos, a cada nova geração forma-se uma nova liderança. O legado que Efigênia Pimenta tem deixado para sua família já é evidenciado na trajetória de seu filho mais velho.

O filho mais velho de Efigênia Pimenta, José Antônio Carlos Pimenta, doutorando em Direito Público pela PUC-Minas (2012), Mestre em Educação Tecnológica pelo CEFET-MG (2009), graduado em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais (1985). Atualmente é Professor Assistente da Faculdade Una de Betim, lecionando as disciplinas de Direito Empresarial. É professor Licenciado da Faculdade Uma de Betim, lecionando as disciplinas de Direito Empresarial. Foi professor-assistente da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais por 20 anos. Sendo também advogado militante há 30 anos na área empresarial e cível. Pesquisa temas relacionados a questão do negro brasileiro e do racismo, direito constitucional, direitos das minorias, políticas públicas na área da educação, movimentos sociais e marxismo. É líder do grupo de estudos sobre direito, economia e filosofia da PUCMINAS e coordenador da ONG SOS RACISMO.

O professor José Antônio Carlos Pimenta é autor de alguns artigos referentes às questões raciais, dentre eles: “Relações raciais e justiça social: como encurtar essa distância”, de 2007.; “Identidade, Racismo e Ação afirmativa”, de 2004; “Sociedade, direito e racismo”, de 1998; “Socialismo Frente ao Racismo e ao Preconceito”, de 1988; e “Negros e a Ordem Social”, de 1987.

O Sr. José Antônio Carlos Pimenta já foi premiado em 2011, Honra ao mérito em reconhecimento aos serviços em prol da promoção da Igualdade Racial no Estado de Minas Gerais, Conselho Estadual da Promoção da Igualdade Racial do Estado de Minas Gerais; em 2005 com o “Grande Colar do Mérito Legislativo Municipal Afonso Arinos de Melo Franco, pela Câmara Municipal de Belo Horizonte; em 2002, recebeu o Certificado de Honra ao Mérito pelos relevantes serviços prestados à instituição, pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais; em 1976, recebeu, Honra ao mérito por

ótimo procedimento, aplicação e dedicação, do Colégio Arnaldo de Belo Horizonte; em 1976, homenagem pelo exercício da monitoria de comunicação e expressão, do Colégio Arnaldo de Belo Horizonte; e em 1976, Honra ao Mérito pelo exercício da monitoria de matemática, do Colégio Arnaldo de Belo Horizonte.

A formação da militância geracional na família de Efigênia Carlos Pimenta traz a continuidade da ancestralidade africana. A perpetuação de um trabalho em diversas comunidades africanas se dá na convivência dos mais novos com os mais velhos. Os novos aprendem com os mais velhos e dão prosseguimento, seja nos cantos destinados às cerimônias, seja nos rituais para nascimento, casamento e ou mudança de faixa etária.

Durante sua atuação enquanto professora e militante do Movimento Negro em Minas Gerais, Efigênia Pimenta ensinava à sua família a importância de ser um negro consciente de seus direitos. O ensino através do exemplo e da prática, produz resultados eficientes na formação do aluno, seja ele parte integrante da família ou pertencente a uma instituição escolar.

## 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada sobre a trajetória de vida de Efigênia Carlos Pimenta contribuiu para maior conhecimento da mesma, dos trabalhos realizados, e a relevância dos mesmos para a educação das relações étnico-raciais.

Dentre os objetivos da pesquisa estava um dar visibilidade à trajetória de vida de Efigênia Pimenta, até então pouco conhecida no meio educacional, e que pode ser uma referência positiva de uma educadora da década de 1950.

Esta visibilidade e expressividade tem sido possível desde que iniciamos a pesquisa. Através da entrevista realizada, coleta de dados com profissionais que a conheceram, a trajetória de Efigênia Pimenta vai sendo conhecida.

Foi possível entender o processo educacional de sua preparação enquanto filha de pais engajados nas questões raciais. Suas orientações familiares deram-lhe o suporte para superar os desafios das discriminações enfrentadas.

A atuação, conscientização e formação de Efigênia Pimenta não a isentaram de sofrer o racismo existente no ambiente escolar enquanto professora, por parte de alunos, pais e colegas de trabalho. Segundo a mesma, esse é um dos fatores que demonstram o quanto é preciso conscientizar a sociedade e combater o preconceito.

Há diversos trabalhos desconhecidos do público mineiro realizado pela professora Efigênia Carlos Pimenta, dentre eles um livro da trajetória do coronel Antônio Carlos Pimenta, que foi seu pai.

A atuação como escritora de artigos e textos informativos referentes às questões raciais foi uma outra importante atuação. Escreveu em parceria com sua irmã Aparecida Pimenta (falecida) textos informativos sobre o 13 de maio para professores e alunos.

A construção da identidade e da formação da professora Efigênia Pimenta foi determinante para a formação dos filhos e a construção de suas identidades negras. O processo de construção da identidade deve começar na mais tenra idade no ambiente familiar.

Evidenciou-se através da pesquisa o método geracional hierárquico de conscientização da necessidade de promover a igualdade racial no país. O pai da senhora Efigênia, senhor Antônio Carlos Pimenta, foi o precursor na formação da identidade racial e militante da família. Efigênia Pimenta torna-se uma liderança na promoção da Igualdade Racial na cidade de Belo Horizonte e no estado de Minas Gerais. Atualmente temos o filho de Efigênia Pimenta, professor e advogado José Antônio Carlos Pimenta, líder da ONG SOS Racismo e membro do Conselho de Igualdade Racial de Minas Gerais. O senhor Antônio Carlos Pimenta por sua vez formou o filho Amadeus Pimenta, que também é advogado e atua na ONG SOS Racismo.

A pesquisa agregou respostas aos questionamentos iniciais e ampliou as informações a respeito de Efigênia Pimenta. Uma mulher que é mãe, avó, bisavó, professora, intelectual, militante convicta em suas ações e proposições para uma sociedade sem preconceito racial.

Nem todos os questionamentos foram respondidos, ainda é necessário uma pesquisa documental referente à atuação profissional da professora Efigênia Carlos Pimenta. Qual o período de atuação em cada estabelecimento de ensino? Qual a carga horária dedicada à educação durante os anos de atuação? O porquê de não ter exercido outros cargos no ambiente escolar a não ser o de professora? Qual foi o processo de escolha da profissão de magistério? A partir da escolha da profissão de magistério, qual ou quais os critérios para a definição da escola que ofertava o curso de magistério? Instituição pública? Privada?

Assim, essa pesquisa não para por aqui, ainda temos muito o que conhecer dessa grande profissional. A intenção em ampliar a pesquisa é de se apresentar ao público mineiro um trabalho consolidado, documentado e integro. Uma trajetória de uma professora que fez a diferença na educação e na promoção da igualdade racial no país.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, M. G. **Ofício de mestre: imagens e auto-imagens**. Petrópolis: Vozes, 2000.

BRUSCHINI, C.; AMADO, T. Algumas questões sobre o magistério. In: Estudos sobre Mulher e Educação. Cadernos de Pesquisas, Fundação Carlos Chagas, São Paulo  
Disponível em:  
<<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/cidadania/0026.html>>. Acesso em: 25/07/2015.

CARLINDO, E. P. Trajetória de vida, formação profissional e atuação docente: referências significativas para se compreender a estrutura do Habitus profissional de professoras atuante em uma escola municipal do interior paulista. EDUCERE. Disponível em:  
<[http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/234\\_125.pdf](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/234_125.pdf)> .>  
Acesso em: 25/07/2015.

GOMES, Nilma Lino. **A mulher negra que vi de perto**. Belo Horizonte. Mazza edições, 1995.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro no Brasil: ausências, emergências e a produção dos saberes**. Disponível em: <  
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/viewFile/2175-7984.2011v10n18p133/17537>>

JUNGES, K. S. **Trajetórias de vida, constituição profissional e autonomia de professores**. 2005. 129f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2005. – Disponível em [www.pitangui.uepg.br/prosp/ppge/dissertacoes/Kelen\\_junges.pdf](http://www.pitangui.uepg.br/prosp/ppge/dissertacoes/Kelen_junges.pdf) – Acessado em 20/07/2015.

KRUGER, H.; BALDUS, B. Work, Gender and the Life Course and Individual Experience. In: BORN, Cláudia. **Gênero, trajetória de vida e biografias: desafios metodológicos e resultados empíricos**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n5/n5a11.pdf>>. Acesso em: 22/07/2015.

LEVY, R. Der Lebenslauf als Statusbiographie. In: BORN, Cláudia. **Gênero, trajetória de vida e biografias: desafios metodológicos e resultados empíricos**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n5/n5a11.pdf>>. Acesso em: 22/07/2015.

LÓPEZ, L. C. The concept of institutional racism: applications within the healthcare field. **Interface - Comunic, Saúde, Educ.**, v. 16, n. 40, p.121-34, jan./mar. 2012.

LUX JORNAL. Belo Horizonte, 11 de maio de 1988. Disponível em:  
<[http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=arq\\_cultura&pagfis=125&pesq=>](http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=arq_cultura&pagfis=125&pesq=>)

MAYER, R. U; MULLER. The state and structure of tje lite course. In: In BORN, Cláudia. **Gênero, trajetória de vida e biografias**: desafios metodológicos e resultados empíricos. Disponível em:  
<<http://www.scielo.br/pdf/soc/n5/n5a11.pdf>. Acessado 22/07/2015>.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: Usos e sentidos. 2. ed. São Paulo. Ática, 1988.

NÓVOA, A. Os professores e as histórias de vida. In: \_\_\_\_\_. **Vidas de professores**. 2 ed. Porto: Porto Editora, 2000, p. 11-30.

OLIVEIRA, Iolanda de (Org.). **Cor e Magistério**. Rio de Janeiro: Quartet; Niterói, RJ: EDUFF, 2006. Disponível em:  
<[www.uff.br/penesb/images/jdownloads/.../cor-%20magisterio\\_web.pdf](http://www.uff.br/penesb/images/jdownloads/.../cor-%20magisterio_web.pdf) >.  
Acesso em: 25/07/15.

**ANEXO 1**  
**FOTOGRAFIAS**



FIGURA 01 - Efigênia Carlos Pimenta – 2015



FIGURA 02 -Professora Efigênia Pimenta participando do 3º Encontro entre os municípios de Belo Horizonte, Contagem e Nova Lima.



FIGURA 03 - Efigênia Carlos Pimenta, Iêda e Mara Evaristo– 2015



FIGURA 04 - Efigênia Carlos Pimenta e Jane Moreira de Carvalho



FIGURA 06 - Recebendo o Prêmio Zumbi dos Palmares em Belo Horizonte, EM 2013 (ao centro).

## ANEXO 2

### Entrevista com a professora Efigênia Carlos Pimenta

1 – Faça nos um relato da sua atuação enquanto mulher, professora, mãe e atuante na promoção da igualdade racial em Belo Horizonte e Minas Gerais?

*“É minha história... é ... seguinte, parece que nós lá da nossa família, principalmente eu que sou a mais velha, sempre fomos orientados. O meu pai sempre teve uma grande biblioteca lá na casa dele, eu me lembro que uma das estantes era sobre cultura negra, sobre a vida do negro então uma das coisas que eu acho que eu consegui alavancar na vida é assim a gente ter o autoconhecimento da gente mesmo da história da gente, da história da família né ... da gente. Lá em casa tinha o mapa da África, tudo que dissesse que fosse de negro na minha casa tinha grande importância.*

*Eu formei logo e com 18 anos já estava dando aula, porque era com 14 anos que terminava o Ensino Fundamental, com mais 03 anos, 17 anos. Eu estudei 04 anos no ginásio e 03 anos no Imaculada Conceição, em Belo Horizonte de freiras. O papai foi professor do DI, então a gente já tinha aquela tendência de brincar de dar aula e tal, mas eu logo que formei, fiz concurso, trabalhei no grupo escolar Bias Fortes... tem uns outros depois grupos, que eu não estou lembrando. Mas sempre na escola pública ... dando aula ... era nova, até aposentar.*

*“O dia que meu pai tinha tempo ele nos reunia, para falar da nossa descendência da nossa vida o rumo que a gente devia tomar. Era muito importante, então eu acho que é nisso que nós nos agarramos e conseguimos cada um crescer para um lado. A definição da nossa identidade e negritude foi determinante”.*

*“Eu lembro que a minha família não tinha esses luxos, que eu vejo hoje, que as pessoas pensam que tem que ter, ... tem que ter ... a gente era mais inclinado para a questão de cultura”*

2 – Em quem a senhora se inspirou para atuar na luta de promoção da igualdade racial?

*“Eu acho que o rastro da minha família ... as datas... eu acho que tudo o mais é fraco, válido a aderência que eu tenho, com a minha raça... minha autovalorização, partiu de casa... porque todo mundo tinha vergonha né, tinha uns movimento negro assim um baile uma coisas. Mas intelectualmente puxando, não existia, meu pai era um intelectual nato, e eu me inspirei nele”.*

3 – Quais os desafios encontrados na carreira de magistério?

*“O papel da mulher negra na educação... as mães diziam: meu menino não está querendo ir a aula por causa da professora.” “A sociedade não aceitava a mulher negra como professora”.*

“Tem um problema... também ... quando eu comecei a dar aula ... a princípio elas as mães todas foram pedir para tirar eu de lá, que os meninos não estavam querendo minha aula, ai ela (a diretora) foi fazendo uma troca... uma coisa e outra”.

4 – Como era o tratamento dispensado aos alunos negros no ambiente escolar, nas festas, nas cerimônias religiosas e enturmação?

Não precisava falava que era negro ... já jogava na última classe, sabe como é que é, na hora de tocar tambor nas paradas não podia . Não tinham meninas negras para coroar não ... Oh! Eu vou te falar ... o aluno e a aluna negra eram da terceira classe pra lá ... Para os negros diziam que não ficava bem eles representarem a escola”.

5 – Ocorria alguma situação de discriminação ou preconceito racial explícito?

“Quando comecei a dar aula me deram a classe AN-1 , que era a primeira classe, ai os meninos foram saindo, saindo, saindo, saíram quase todo mundo. Aí elas trocavam traziam da outra sala, mas os meninos pobres também não queriam ficar comigo não, entendeu ? Acho que os pais iam lá e pediam para tirar, e a classe foi esvaziando, mas eu achei interessante que ela foi esvaziando um mês, um mês e meio. E de repente os meninos começaram todos a voltar. Não sei... mas naquele tempo, a discriminação era bem maior. Oh! Eu vou te falar ... a gente não sabe, porque até hoje eu acho que o povo brasileiro faz discriminação, mas é tudo surdamente, surdamente. Eles não falam na cara, mas não dá, não vai ficar bem “fulano” representando a escola, não vai ficar bem, não vai ficar bem ... não falam o porquê, mas sempre tiram os negros de qualquer espaço. Quando não somos retirados somos evitados, ignorados racismo velado, o típico racismo brasileiro.”

6 – Como era a postura dos gestores diante dos atos discriminatórios?

*“O que elas faziam era trocar os alunos de classe, não se posicionavam, não tocavam no assunto. As professoras negras não eram chamadas para nenhuma atividade que fosse de destaque ou para representar a escola. Os gestores discriminavam evitando qualquer tipo de ascensão do negro”.*

7- Na década de 1950 não havia nenhuma lei que orientasse a questão racial no ambiente escolar, era possível abordar o assunto durante as aulas?

*“Não, não havia nada e nem se ouvia falar em questão racial no ambiente escolar. Agora, hoje eu vejo que é bem diferente, mas mesmo assim eu dando aula lá, sempre lidava com essa questão do negro, então a pessoa fica em uma posição não menor, eu que tinha biblioteca... tinha um conhecimento para lidar com a questão racial, mas era só em sala sem ter nenhum direcionamento da escola”.*

8 –Qual a sua opinião referente à implantação da Lei n. 10.639/03?

*“Com a lei 10.639-03, melhorou mais isso não alavancou tanto não ... porque às vezes o menino, a questão do negro, não é tanto lei não, tem que ter aceitação recíproca, porque se não você fica desajustado, não é só lei, é preciso que haja compreensão da comunidade né. É preciso trabalhar a escolar e a comunidade. “É preciso contar uma nova história ... isso é importantíssimo, contando a história do menino negro que venceu, que ele hoje é advogado, que ele hoje é médico, é que o menino acha eu isso nem existe isso. O menino tem de ter modelo”.*

9 – Sra. Percebe algum avanço na educação e na promoção da igualdade racial de 1950 até 2010?

*“Sim, muito .. a atuação dos governantes através da criação das leis que garantem a promoção da igualdade racial. Cotas na educação, cotas nos concursos, livros didáticos com belas imagens da população negra. Já melhorou muito porque temos muito mais negros sendo conscientizados”.*

10 – Qual a mensagem, sugestão a senhora que deixar para as pessoas que precisam lutar diariamente contra o preconceito?

*“Para a mãe tem de pegar esse menino estimulá-lo a gostar de ler, a gostar de estudar, assistir programas educativos e outras coisa mais, nem é o pai é a mãe que convive mais com o menino. Por que na hora que o menino tomar gosto ele vai embora. Precisa estar presente e não desistir, não aceitar as imposições, se unir a grupos e pessoas que acreditam na nossa luta”.*

11 – Há possibilidades de mudança no cenário racial do Brasil ?

*“Sim, certamente ... Sabe o que eu observo é que hoje o negro tem que ficar esperto e não perder as oportunidades... há cotas, que é uma oportunidade que antes não tínhamos, precisamos ocupar todos os espaços e acessos possíveis. Os negros estão tendo mais acesso à educação e formação, podendo ocupar mais espaços de tomada de decisão”.*